

Desvelando os Silêncios sobre a África na Cartografia Moderna

Unveiling the Silences surrounding Africa in Modern Cartography

FURTADO, Júnia. (2022). *O quebra-cabeças africano: como um embaixador português, um geógrafo francês, um escritor inglês e um pirata imaginário transformaram a cartografia da África e abriram as portas para o imperialismo*. Belo Horizonte: Miguilim.

Carmem Rodrigues

Doutora em História - Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Museu Histórico e Geográfico Comendador Sebastião de Sá, Brasil
carmemmarquesrod@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2681-4646>

Resumo: O livro "Quebra-Cabeça Africano", de autoria de Júnia Furtado, destaca-se como uma obra essencial para compreender o uso da cartografia como fonte histórica, explorando os segredos e complexidades por trás das representações geográficas da África na Idade Moderna. A pesquisa, guiada pela intertradução, revela o potencial dos mapas como ferramentas para entender as relações geopolíticas, culturais e os jogos de poder. A autora enfoca como a cartografia foi usada como instrumento de poder pelos europeus, destacando a manipulação e instrumentalização das realidades geográficas africanas para atender a interesses coloniais.

Palavras-Chave: Cartografia; África; Colonialismo

Abstract: The book "Quebra Cabeça Africano" penned by Júnia Furtado, stands out as an essential work for grasping the utilization of cartography as a historical source, delving into the secrets and intricacies behind the geographical representations of Africa in the Modern Age. The research, guided by intertranslation, unveils the potential of maps as tools for comprehending geopolitical, cultural, and power dynamics. The author emphasizes how cartography was wielded as an instrument of power by the Europeans, spotlighting the manipulation and instrumentalization of African geographical realities to serve colonial interests.

Keywords: Cartography; Africa; Colonialism

O livro “Quebra-Cabeça Africano”, de autoria de Júnia Furtado, emerge como uma obra essencial para aqueles que buscam desvendar os segredos e complexidades do uso da cartografia como uma fonte histórica. A pesquisa, guiada pela intertradução, destaca o potencial dos mapas como janelas para compreensão dos meandros das relações geopolíticas, culturais, dos jogos de poder e de construção de narrativas. Furtado usa esse conceito para descrever o processo de troca e adaptação de ideias, conhecimentos e expressões culturais entre diferentes grupos e contextos. Isso ocorre quando uma cultura absorve elementos de outra, mas os modifica para se adequar à sua própria compreensão do mundo, moldando-os de acordo com suas próprias características e valores locais. Essas transformações ocorrem à medida que as ideias viajam e são reinterpretadas, influenciando e sendo influenciadas pelas culturas por onde passam. Assim, as ideias adaptadas retornam à sua origem, alterando-a e enriquecendo-a com novas perspectivas e formas de expressão.

Júnia Furtado é Professora Titular Livre em História Moderna pela UFMG – aposentada. Atualmente é Professora do corpo permanente do Programa de Pós-graduação de História na UFMG, colaboradora na UNIFESP e Professora Visitante na UFOP. Possui uma densa experiência no campo da História da Cartografia que envolve especialmente dois personagens: dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bouguignon D’Anville. A relação do embaixador português com o geógrafo francês foi analisada pela professora em três grandes obras: *Oráculos da Geografia Iluminista* (2012), *O Mapa que inventou o Brasil* (2013) e *Quebra-Cabeça Africano* (2021). Em todos os livros os mapas desempenham papel central na relação entre as personagens.

Se nas duas obras anteriores a historiadora trabalhou com mapas da América do Sul, com foco no Brasil, dessa vez a pesquisa mudou para o outro lado do Atlântico. A intrincada teia cartográfica desvelada em *Quebra-Cabeça Africano* revela uma narrativa complexa e muitas vezes oculta dos processos de construção das representações geográficas sobre a África na Idade Moderna. Nesse sentido, essa obra é um contributo de grande importância como um exemplar que desafia as leituras convencionais e nos convida a uma compreensão mais profunda da cartografia como instrumento político, cultural e imperialista.

A historiadora destaca como a cartografia foi habilmente utilizada como uma ferramenta de poder pelos protagonistas europeus. A leitura cuidadosa e a contrapelo dos mapas analisados revelam estratégias de apagamento, manipulação e instrumentalização das realidades

geográficas africanas. Dessa forma, a autora nos convida a questionar as motivações por trás das representações cartográficas, desafiando a ideia, muitas vezes arraigada, de que os mapas são simplesmente reflexos neutros da geografia.

O livro é dividido em dezenove capítulos que exploram todas as tramas que estão conectadas com o objeto central da obra: o remapeamento da África conduzido pelo geógrafo francês D'Anville, sob os auspícios do diplomata português dom Luís da Cunha. Por isso, Furtado enfatiza a natureza cultural dos mapas, destacando como eles foram moldados por perspectivas eurocêntricas que estavam conectadas a determinadas escolhas políticas.

Dessa forma, a análise histórica é centrada na perspectiva crítica oriunda da História da Cartografia, na qual os mapas, como fontes históricas, são a expressão da mentalidade de uma determinada época e das intenções políticas subjacentes. Por conseguinte, a autora demonstra como as representações cartográficas são construídas social e culturalmente, influenciando e sendo influenciadas por narrativas ficcionais, visões de mundo, ambições políticas, científicas e pessoais.

A abordagem contrafactual adotada por Furtado é crucial para compreender as potencialidades da cartografia como uma ferramenta interpretativa. Ao entrelaçar mapas com romances, memórias científicas e outros documentos, ela lança luz para uma nova perspectiva sobre a construção do imaginário sobre a África como uma região vazia, à espera por ser civilizada. Essa leitura permite que os mapas se tornem janelas para contextos históricos e sociais mais amplos, desafiando interpretações simplistas e superficiais.

Nas 509 páginas de *Quebra-Cabeça Africano* Furtado oferece uma perspectiva inédita ao desvelar os bastidores do remapeamento da África, destacando a influência de personagens como o diplomata português dom Luís da Cunha e do cartógrafo francês Jean Baptiste B. D'Anville. A colaboração entre os dois protagonistas desencadeou uma revolução na forma como o continente passou a ser representado cartograficamente.

A colaboração estava intrinsecamente relacionada com as intenções geopolíticas de Portugal, e descortinar os meandros dessa relação nos mostra como as representações cartográficas podem ser moldadas para atender a interesses coloniais. A cartografia torna-se, assim, uma ferramenta ativa na construção de narrativas de poder e na promoção de objetivos

expansionistas, ampliando nosso entendimento sobre a complexa interseção entre política e representação cartográfica.

O pano de fundo do livro é o ambicioso projeto pensado por dom Luís da Cunha de conectar as costas litorâneas da África meridional por meio de uma via terrestre. A ideia era criar uma ligação entre as duas colônias portuguesas na África: Angola e Moçambique. A colaboração estratégica com D’Anville resultou em cartas geográficas inovadoras que não apenas refletiam a geografia, mas também tinham a intenção de legitimar as pretensões territoriais de Portugal perante outras nações europeias. Por isso, Furtado destaca como esse projeto *savant* se tornou um meio eficaz de comunicação visual das reivindicações portuguesas.

Seguindo os preceitos de John B, Harley (2005), a autora examina os mapas como artefatos históricos, ou seja, vai em busca de seus contextos, por isso concentrou grande parte da pesquisa no exame dos métodos utilizados por D’Anville, suas técnicas de reconstituição geográfica, analisando séries cartográficas e revelando sua capacidade de sistematizar, confrontar e criticar a documentação recebida por diversas vias.

Como um geógrafo de gabinete, D’Anville nunca saiu de seu escritório para examinar *in loco* os locais que cartografou. Seu trabalho, assentado nas premissas iluministas da fidedignidade e da objetividade, prezava por construir mapas que fossem “espelhos” da realidade. Por isso, era um adepto dos espaços em branco nas cartas geográficas. Esses silêncios eram fruto da falta de informações ou da desconfiança sobre as notícias existentes, porém acabaram tornando-se pontos de entrada para o imperialismo oitocentista.

Furtado argumenta que a escolha de D’Anville por deslocar as representações alegóricas, que antes preenchiam vastos lugares na cartografia africana, para os cartuchos ornamentados criou o espaço vazio - o nada - que foi fundamental para a retórica imperialista europeia no final do século XIX. Ou seja, como afirma Harley, houve um processo de desumanização da paisagem. Os mapas de D’Anville passaram a transmitir “um conhecimento que mantém o sujeito à margem.” Isso porque o “progresso do mapeamento científico do espaço se transformou muito facilmente em um produto socialmente vazio, uma paisagem geométrica de fatos frios, não humanos.” (HARLEY, 2005:131)

Como sintetiza Júnia Furtado: “As cartas de D’Anville sintetizam como nenhuma outra, pois produzidas no curto espaço de apenas cerca de 20 anos, como as duas linguagens

cartográficas – a gráfica e o vazio – foram empregadas para desterritorializar os nativos e legitimar as pretensões de domínio do colonizador estrangeiro.” (FURTADO, 2022:450).

A historiadora também recorre ao conceito de “intertradução” para explicar as relações entre os relatos manuscritos, os livros impressos, as gravuras e os mapas. O projeto de dom Luís da Cunha não foi pensado nos gabinetes de Mafra ou de Lisboa, mas surgiu a partir da leitura de um romance de pirataria inglês. Ao investigar todos os contextos desse quebra-cabeças; o desenvolvimento do projeto do embaixador; o trabalho de D’Anville; e sua posterior recepção e repercussão, que a autora contribui de forma significativa para a História da Cartografia da África. Além disso, sua abordagem teórica destaca a complexidade das influências e interações que moldam as representações cartográficas, o que sugere que a compreensão da cartografia requer uma análise holística que vá além das fronteiras tradicionais entre disciplinas, incorporando elementos da literatura, da história e da antropologia.

A intricada teia da cartografia, como desvelada por Júnia Furtado em “Quebra-Cabeça Africano”, revela uma narrativa complexa e muitas vezes oculta sobre os processos de construção das representações geográficas. A escolha por uma representação objetiva sobre a África, do ponto de vista europeu, desencadeou um imaginário que levou às consequências nefastas do remapeamento da África, definido durante a Conferência de Berlim (1885). A divisão arbitrária das fronteiras africanas durante esse evento histórico deixou sequelas profundas e duradouras, moldando o destino do continente e perpetuando desafios geopolíticos que persistem até os dias atuais.

Furtado oferece um legado duradouro ao explorar minuciosamente a relação entre cartografia, poder político e imperialismo. Sua abordagem metódica permite que os leitores compreendam as raízes das dinâmicas geopolíticas na África e a maneira como as representações cartográficas influenciaram o curso da história.

Dessa forma, *Quebra-Cabeça Africano* emerge como uma obra monumental na História da Cartografia e da África, revelando os fios entrelaçados entre a representação geográfica e as maquinações políticas. A capacidade da autora de expor e analisar os processos cartográficos subjacentes ao remapeamento da África lança uma nova luz sobre os eventos que culminaram na divisão do continente no Congresso de Berlim, oferecendo uma valiosa contribuição para a compreensão das dinâmicas geopolíticas e suas consequências duradouras.

Referências Bibliográficas

- HARLEY, John B. (2005) *La Nueva Naturaleza de los Mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografía*. México: FCE.
- FURTADO, Júnia. (2012) *Oráculos da Geografia Iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Gourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG.
- FURTADO, Júnia. (2013) *O Mapa que inventou o Brasil*. Rio de Janeiro: Versal.
- FURTADO, Júnia. (2022) *O quebra-cabeças africano: como um embaixador português, um geógrafo francês, um escritor inglês e um pirata imaginário transformaram a cartografia da África e abriram as portas para o imperialismo*. Belo Horizonte: Miguilim.